

**COLLINS, Suzanne. *The Hunger Games: Mockingjay*. 441 páginas. Londres: Scholastic, 2010.**

Patrícia Trindade Nakagome<sup>1</sup>

Em uma livraria, diante de tantas opções de livros (livros que devem ser lidos, devem ser comprados, devem ser citados), fui atraída pela capa negra com pássaro azul de *Mockingjay*. Eu já tinha visto o segundo filme da série *Jogos Vorazes* e saído animada do cinema. Mais do que isso, fiquei curiosa para saber como a história de Katniss Everdeen terminaria. Sabia que o último livro da série, traduzido como *Esperança* em português, se transformaria em dois filmes a serem lançados em 2014 e 2015. Duro dilema: esperar dois anos pelo fim de uma história no cinema ou ler o livro de Suzanne Collins, adiando outras leituras necessárias e desejadas? Escolhi a segunda opção. Em tempos de valorização do útil, ponderei que poderia, ao menos, ler o livro em inglês e treinar um pouco o idioma. É a junção do útil e do agradável, porque não temos tempo a perder!

A questão é que ler *Mockingjay* não foi tempo perdido. Melhor dito, foi “tempo perdido” no sentido daquele reservado a alguns prazeres: uma bela refeição, uma dança, uma leitura agradável. O livro de Suzanne Collins foi uma grata surpresa. Não foi um daqueles livros que lemos mais com o lápis do que com os olhos. Ufa, não foi! Às vezes, é um alívio sentir que posso ler sem fazer tantas anotações nas margens. No entanto, como pretendo mostrar neste texto, isso não quer dizer que o livro seja desprovido de pontos a serem destacados. Além disso, *Mockingjay* me fez questionar alguns de meus hábitos (especialmente acadêmicos) de leitura e de avaliação de certas obras. É por isso que escrevo esta resenha. Nesse sentido, as observações que farei sobre o livro de Suzanne Collins são acompanhadas por algumas questões relacionadas

---

<sup>1</sup> Doutoranda pelo Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada FFLCH/USP. São Paulo-SP. Atualmente, realiza estágio sanduíche na Freie Universität Berlin com bolsa da CAPES. [patricia.nakagome@gmail.com](mailto:patricia.nakagome@gmail.com)

ao gênero resenha e, mais especificamente, às resenhas de revistas acadêmicas: podemos tratar de *best-sellers* nesses espaços? Se podemos, por que não há resenhas sobre *best-sellers*? Não há o que ser analisado nesses livros? Os acadêmicos não leem esses livros? Não é importante conhecer aquilo que está nas mãos e na cabeça de tantos leitores de fora (e também de dentro) dos muros da universidade?

Antes de iniciar, devo dizer que esta resenha se refere apenas ao último livro da trilogia, de modo que posso ser, de alguma forma, falha com a totalidade da obra. Desculpo-me com base nos limites mais estreitos e no intento mais modesto que cerca o gênero resenha. Por outro lado, considero também interessante levar em conta a recepção literária mediada pelo filme. No meu caso, só cheguei ao livro por causa do filme e, assim, é impossível não ver o rosto de Jennifer Lawrence nas ações da heroína Katniss Everdeen. Trata-se de um caso exemplar da força da imagem sobre a palavra escrita e sobre a própria imaginação. Isso é especialmente significativo quando consideramos que a imagem é tema fundamental na série de Suzanne Collins. A narrativa dos dois primeiros livros (filmes) gira em torno da participação forçada da protagonista em um reality show, no qual apenas uma pessoa pode sobreviver. Apesar do horror, todos os jovens devem aparecer sorridentes e belos diante das câmeras, nos desfiles e entrevistas que antecedem a competição. Se não tiverem uma boa figura para lutar pela sobrevivência, a chance de permanecer vivo é ainda menor. Afinal, como alguém sem carisma ou feio atrairia a simpatia do público?

Tendo o rosto da bela Jennifer Lawrence em mente, lembro-me da história da adolescente que, nos primeiros filmes, foi levada a participar desse reality show mortal. Essa descrição superficial do enredo se encaixa bem na distorcida tradução que *The Hunger Games* ganhou em português: *Jogos Vorazes*. Ao contrário do estranhamento do título em inglês, que aproxima dois termos distantes, um relacionado à diversão (jogos) e outro à miséria (fome), temos, em português, uma associação dos jogos ao excesso, ao insaciável. E assim, pelo título, poderíamos supor que *Jogos Vorazes* estaria na linha daqueles filmes pautados por uma satisfação trazida pela violência e dor. Isso afastou a mim e alguns conhecidos da história por um bom tempo, até saber do que efetivamente se tratava. Há, em *The Hunger Games*, sangue e excesso, mas há, essencialmente, fome e vazio, perdidos na tradução do título.

A narrativa se passa em Panem, país fictício composto por uma metrópole luxuosa, a Capital, e por doze distritos paupérrimos (apenas no terceiro livro, saberemos

da existência do Distrito 13). É interessante notar como a diferença social gritante que marca Panem traz consequências para a estruturação temporal do livro: pelo estilo de vida dos personagens, em especial pelas roupas, temos uma narrativa que se constrói, simultaneamente, no futuro da rica Capital e no presente/passado dos pobres distritos. Tem-se, assim, marcada a atemporalidade da miséria, que mantém tragédias e dores semelhantes ao longo de toda a história, mesmo numa ficção futurística.

Katniss Everdeen é, nos livros, a protagonista e narradora, dualidade perdida nos filmes. Mora no Distrito 12 junto com sua mãe e a irmã caçula Prim. Para proteger a irmã, Katniss se voluntaria a participar dos jogos, algo que a distingue dentre os demais competidores. A personagem se torna foco de atenção apesar de não fazer esforço para sê-lo. Aliás, a graça de Katniss está precisamente em sua espontaneidade: não deseja e não sabe usar boas palavras ou ser amistosa, mas é cordial e gentil quando se trata de defender pessoas queridas ou mais frágeis. É uma heroína às antigas em um mundo dominado pela novidade, brilho e celebração. E é pela força da autenticidade que a personagem se destaca, sendo, por isso, eleita como símbolo da revolução a ser instaurada contra a Capital.

O segundo filme tem um final aberto, que me levou à leitura de *Mockingjay*. Esperava encontrar ali algumas respostas previstas, como o triunfo de Katniss sobre a Capital. Mas há mais em jogo (lição inclusive duramente aprendida pela protagonista).

O título do terceiro volume, *Mockingjay*, perde também em expressividade quando traduzido para *Esperança*. Nesse caso, a tradução era mais difícil, já que o nome da ave é pouco conhecido em língua portuguesa. No entanto, a imagem do tordo foi, mesmo no filme, sendo gradativamente reforçada junto ao público. Com o título *Esperança* passa-se a um sentimento coletivo que perde o aspecto simbólico singularizado da ave. O broche de tordo carregado por Katniss como recordação de sua irmã torna-se, no último livro, o símbolo dela própria, de pessoas que morreram para apoiá-la (como o amigo figurinista que transformou sua roupa em um pássaro), de seu passado, de seu distrito e, por fim, da revolução. Todas essas mediações simbolizadas pelo tordo não são sempre conhecidas por Katniss. Ela sabe (e se incomoda por) ser o símbolo de um movimento que custou a vida de tantas pessoas e que ainda levará outros tantos à morte. Mas a personagem não sabe quem são seus verdadeiros amigos, com quem pode contar e, principalmente, se há apenas um alvo para sua ira e vingança.

Não podemos dizer que o livro seja marcado por grande complexidade de personagens ou situações, o que não indica, necessariamente, uma falha em sua

construção. O livro, com seus capítulos breves e ação intensa, representa uma narrativa de guerra (guerra midiática, inclusive), com a necessidade de captar o instante, o fugidio. Além disso, trata-se de uma história contada a partir da óptica de uma narradora caçadora, que teve uma vida marcada pelo signo da sobrevivência, não da delicadeza, da reflexão detida. Ela é um símbolo, uma heroína e também uma narradora que não almejava nenhuma dessas posições, mas que, de repente, tem uma missão e uma história para contar. Nesse sentido, *The Hunger Games* acompanha as limitações e o encanto bruto de Katniss.

Se não é possível negar que a obra, por vezes, está dentro daquilo que esperamos para uma narrativa adaptável e adaptada ao cinema, considero importante destacar que há ponderações a serem levadas em conta. Há, por exemplo, no livro, um triângulo amoroso, recurso comum em histórias envolvendo adolescentes e inicialmente previstas para esse público. No entanto, parece-me, ao menos tal como a trajetória de Katniss se desenvolve no terceiro volume, que a decisão da protagonista não implica apenas numa questão simplificada sobre gosto, afinidade ou desejo. Como discutem os dois personagens que desejam seu amor, Gale e Peeta, ela irá decidir por aquele necessário à sua sobrevivência. Não se trata apenas do ideal romântico, mas da necessidade, da fome e do vazio que, como dito antes, parecem nortear o livro.

O livro traz temas caros à tradição literária: a violência, a resistência, a memória. Esses temas estão, de alguma forma, sintetizados no final de *Mockingjay*, quando Katniss decide organizar um livro em tributo às vidas perdidas por causa da Capital. Trata-se de uma descrição rápida de muitos personagens e recordações, sem as reflexões existentes nos relatos de sobreviventes que entraram para o panteão da alta literatura. Não há essa densidade. Mas isso, mais uma vez, pode ser compreendido à luz dos limites da própria narrativa, das consequências de se viver em um mundo em reconstrução, que antes se pautava no imediatismo absoluto da imagem e da propaganda.

Não apenas Katniss Everdeen, em sua empreitada contra a Capital, se deparou com a força da imagem. A imagem media a nossa própria experiência na contemporaneidade. A esse respeito, lembremos, por exemplo, os tantos cartazes, que durante as manifestações de 2013 pelo país, retomavam o símbolo do tordo ou frases de ordem de *The Hunger Games*. Fotos de jovens com os dizeres “Toda revolução começa com uma faísca” ou “Se nós queimarmos, vocês queimam com a gente” circularam na internet. Esse fato pode trazer uma questão para a crítica literária: se valoramos a

atuação política dos jovens, não deveríamos conhecer elementos culturais (como a série *The Hunger Games*) que simbolizam a motivação de alguns deles para saírem às ruas?

Talvez um livro como *Mockingjay* não tenha nada que possa ser destacado em uma resenha ou num artigo mais amplo sobre o tema. Espero ter mostrado o contrário. Caso isso não tenha ocorrido, acredito que seja mais uma falha da resenhista do que do livro. Este, a meu ver, pode ser objeto de estudo pelo que traz em suas páginas e pelo seu alcance junto a tantos leitores, inclusive por ter chegado às ruas em protesto.

*Data de submissão: 10/03/2014*

*Data de aprovação: 31/03/2014*